



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE: A PERCEPÇÃO JUVENIL ACERCA DAS PROBLEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS**

Sidney Oliveira Santos Silva Filho;

Tarcisio Augusto Alves Silva

Mestrando em Ciências Sociais pela *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. E-mail:  
[sidneyoliveira210@gmail.com](mailto:sidneyoliveira210@gmail.com)

Professor adjunto III da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail:  
[deescada@yahoo.com](mailto:deescada@yahoo.com)

**Resumo:** O presente artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa Juventude e Meio Ambiente no contexto dos polos de desenvolvimento de Pernambuco em que procuramos responder a seguinte questão: existem preocupações ambientais internalizadas pelos jovens matriculados em cursos da educação básica (profissional, integral e semi-integral) ofertados pelo governo de Pernambuco nas doze regiões de desenvolvimento do estado? Neste sentido, o objetivo principal da investigação foi Identificar se existem preocupações ambientais internalizadas pelos jovens matriculados em cursos de educação técnica e regular, ofertados pelo governo de Pernambuco, decorrente dos impactos promovidos pelo desenvolvimento de sua região. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário misto e as questões fechadas contemplaram variáveis múltiplas. O resultado aqui apresentado limita-se a análise de uma única Região de desenvolvimento em que se observam o entrecruzamento de questões sociais e ambientais na percepção da juventude.

**Palavras chave:** Juventude, Meio ambiente, Educação ambiental, Problemas socioambientais.



## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 A ambientalização da agenda pública**

Os anos 60 marcam um processo progressivo em que as preocupações com o meio ambiente ganham lugar de destaque em diversos fóruns e instâncias acadêmicas, políticas e sociais em todo o mundo, permitindo que a propagação de ideias como: conservação, preservação, desenvolvimento, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental ocupassem um lugar comum na retórica tanto de especialistas, quanto do público leigo. Todavia, alguns dos primeiros tratados e acordos internacionais sobre meio ambiente, que ocorrem anteriormente e, alguns posteriormente, aos anos sessenta, tratam quase que efetivamente os problemas socioambientais sob o crivo da localidade, o que não impediu que a questão pudesse ser pensada de maneira planetária e conjugada as problemáticas locais das populações.

O fato é que, após uma ampla dramatização de evidências científicas que apontaram para uma situação de crise socioambiental, provocada pela admissão de um modelo de desenvolvimento pautado na exploração intensiva dos recursos naturais e humanos, governos e sociedade civil reúnem-se em vários encontros com o objetivo de discutir estratégias globais de enfrentamento desta problemática. Situam-se no panteão destas iniciativas as Conferências do meio ambiente promovidas pela ONU (Organizações das Nações Unidas) em 1972 (Estocolmo), 1992 (Rio de Janeiro), 2002 (Johannesburgo) e em 2012 (Rio de Janeiro).

Em sintonia com estes encontros, outros eventos ocorreram tratando de especificidades temáticas como as conferências sobre o clima (a 19ª ocorrida em Varsóvia, em 2013), população e desenvolvimento (1994, no Cairo) e assentamentos humanos (1996, em Istambul) demonstrando, portanto uma preocupação e interesse público sobre a problemática ambiental. Os eventos promovidos pela ONU exerceram papel fundamental no processo de popularização da crise ambiental contemporânea, todavia um ator fundamental para que esta se colocasse como pauta da agenda pública são os meios de comunicação que operam como difusores de informações e ideias que ora soam em tom apocalíptico, e que ora dissipam e diluem os efeitos da ação antrópica no planeta ao publicizarem campanhas de empresas que incentivam a ciranda do consumismo.

Quando pensados como popularizadores da crise socioambiental, os meios de comunicação conseguem fazer ecoar as preocupações evidenciadas no meio científico conduzindo a uma



característica essencial dos problemas socioambientais que emergem desta crise, eles dependem de argumentos, evidências e de uma autoridade científica para serem tomadas como uma dificuldade a ser enfrentada (HANIGAN, 2009). Obviamente que isto não quer dizer que eles não estejam também ligados a nossa percepção e experiências (conhecimento – experiência diária) e que aquilo que sentimos, ouvimos, respiramos e ingerimos deixem de ser excelentes medidores destes problemas, do contrário. O que tem se percebido é que na modernidade os leigos tem exercido papel fundamental no questionamento dos diagnósticos apresentados por peritos (GIDDENS, 1991), principalmente porque embora a ciência ocupe um lugar fundamental na definição dos problemas socioambientais, os interesses que a financia não são neutros e podem, portanto auxiliar a ocultar, denunciar ou tirar proveito do conhecimento produzido em detrimento de quem será atingido ou não por ele.

Isto remete, deste modo, a dois aspectos que consideramos importantes no que se refere ao interesse público sobre o meio ambiente: a) a recepção pública da crise socioambiental que atravessa o planeta é resultado de uma relação de proximidade física dos sujeitos com o problema, como o aumento da produção do lixo, etc; b) os meios de comunicação e as escolas são fortes popularizadores do problema intercambiando-os com a dimensão local e global. Quando pensada a relação de proximidade física, no que tange aos problemas socioambientais, vários exemplos poderiam ser apresentados, mas o caso de muitas comunidades que veem ameaçadas seu modo de vida e o lugar onde residem, externaliza bem esta problemática. A mobilização em torno da identificação e denúncia de problemas ambientais torna estes grupos referenciais na luta ambiental e na possibilidade de influir em uma agenda local.

Se os popularizadores (meio de comunicação e escola) da crise ambiental possuem um campo de influência ampliado, dado ao alcance de sua ação, a publicização de uma consciência ambiental produzida por eles resulta, em muitos casos, apenas na recepção de uma informação, esvaziada de um elemento mais atitudinal por parte daqueles que a recebem. Tencionam-se aí, valores culturais enraizados como produto de um modelo de desenvolvimento predatório e a necessidade de desconstrução deste modelo. Talvez por isso, que pesquisas tem verificado no Brasil a crescente consciência ambiental e a baixa propensão em agir para alterar o quadro que se estabelece com a crise socioambiental (CRESPO, 2012). Isto significa que apenas o conhecimento não é suficiente para possibilitar uma disposição social em direção a mudanças mais amplas.





Isto por sua vez, não implica em uma desqualificação do papel de popularizadores como a mídia e a escola, mas denuncia os limites de sua própria ação. É o caso da escola que profere um discurso ambiental, mas que oferece lanches e merendas sem esta preocupação. Como também se verifica junto a mídia que anuncia o aquecimento global, a poluição a extinção de animais, mas que é financiada por empresas poluidoras e não consegue romper com o círculo do consumismo. Este fato produz um paradoxo ambiental, resultado não apenas da própria contradição humana, mas da assunção de um estilo de vida imprimido por um modo próprio de produzir que nos aprisionou.

A popularização da crise socioambiental é, portanto fruto de uma ambientalização de práticas e discursos e pode ser compreendido como à “identificação de um processo histórico recente de incorporação, pelos indivíduos e grupos, de certa preocupação com o meio ambiente” (SILVA, 2011:19). Este processo ao tempo que indica a atenção dada socialmente ao meio ambiente e a natureza, também denuncia a utilização indiscriminada de conceitos encarados muitas vezes como sinônimos (DULLEY, 2004). A esse respeito vários autores (REIGOTA, 1995, LENOBLE, 1969) no sentido de estabelecer uma compreensão sobre eles, consideram que, por exemplo, não existe uma natureza dada, mas sim uma natureza pensada (LENOBLE, 1969) que se conforma a diferentes tempos e grupos humanos. Sobre esta lógica o meio ambiente é definido por Reigota (1994) como “o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação” (p. 14). Assim, o meio ambiente incorpora aspectos naturais e culturais numa relação dinâmica e permanente entre natureza e sociedade.

## **1.2 Juventude e meio ambiente: o que dizem as pesquisas?**

Ainda que a temática do meio ambiente tenha ganhado espaço nas agendas sociais, sobretudo pelo fato de algumas pesquisas terem denunciado dados um tanto preocupantes. Um deles se constitui pelo fato de que quando perguntados sobre as principais preocupações dos jovens, questões relacionadas ao meio ambiente são pouco assinaladas, isso quando não ficam de fora do grupo das principais preocupações. Um exemplo disto é a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira” realizada em 2003. Entre os interesses e preocupações mais citadas pelos jovens estão: Segurança/Violência (55%), Trabalho/Emprego (52%), Drogas (24%); Educação (17%), e o meio ambiente aparece como a terceira questão menos assinalada ficando apenas com (2%).

Do mesmo modo, a pesquisa intitulada “Estilos Sustentáveis de vida, resultados de uma pesquisa com jovens brasileiros” realizada pelo instituto Akatu em 2009 demonstra em seus



resultados que quando perguntados sobre as prioridades globais o combate a degradação ambiental e poluição com 11% assume a quarta posição mais votada, ficando atrás do combate ao crime e prevenção de conflitos (32%), reduzir e erradicar a pobreza (27%), e melhorar condições econômicas (18%). Nesse caso houve um pequeno, mas significativo aumento da preocupação dos jovens para com as questões ambientais. Entretanto o dossiê Universo jovem MTV, realizado em 2008, alerta para o fato dos jovens demonstrarem propriedade quando o assunto tratado é meio ambiente, porém encontram dificuldade em definir Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável.

Do mesmo modo a pesquisa “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável” (2012) mostra em seus resultados o aumento da consciência ambiental, entretanto a grande maioria dos brasileiros não sabe o que significa conceitos como desenvolvimento sustentável, consumo sustentável, e biodiversidade. Este quadro é revelador também da participação juvenil em espaços ou grupos de defesa do meio ambiente. Como mostra a “Pesquisa sobre juventudes no Brasil” (2008) 90,7% dos jovens entrevistados nunca participaram de grupos de defesa do meio ambiente. Vale salientar o fato de que temas ligados ao meio ambiente estão sendo incorporados cada vez mais nas agendas sociais. A consequência mais direta disso seria o maior anseio juvenil na participação de grupos associados às questões ambientais.

Ainda segundo a “Pesquisa sobre juventudes no Brasil” os jovens apesar de terem uma participação real muito baixa, são os que mais desejam participar, 41% dos jovens entrevistados gostariam de participar de algum grupo ligado à defesa do meio ambiente. Se comparado aos adultos esse número é bastante animador, visto que apenas 35% dos adultos entrevistados gostariam de participar. Isto conduz a um entendimento de que é preciso pensar a relação entre juventude e meio ambiente, também, pela ótica da multiplicidade, uma vez que os contextos sociais e as diversas realidades de vida dos jovens brasileiros tem importante influência no desenvolvimento de uma consciência ambiental. Dessa maneira, se coloca como primordial, o estudo da relação entre juventude e meio ambiente na contemporaneidade, uma vez que a ela se constitui como principal força motriz na construção de um desenvolvimento pautado nas preocupações ambientais. Logo, alertamos mais uma vez para a necessidade de identificar se existem preocupações juvenis para com o meio ambiente, e se existem, quais são?





Depois de identificadas as preocupações, torna-se necessário pensar projetos que possam atender as necessidades dessas juventudes, trazendo assim o jovem para dentro dos grupos de defesa do meio ambiente, tentando assim incorporar um maior número de jovens às organizações ambientais. Nesse sentido, tornar o mundo cada vez mais sustentável segue como um grande desafio. Até porque nem sempre o fato de ter uma consciência ambiental, fará com que o indivíduo realize práticas sustentáveis na sua vida cotidiana, podendo assim existir uma grande lacuna entre consciência ambiental e engajamento social. Assim, o protagonismo juvenil se coloca como uma das apostas do processo de cuidado com a natureza pelo fato dos jovens estarem abertos para as possibilidades de atuação.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa está sendo realizada nas doze regiões de desenvolvimento do estado de Pernambuco utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário fechado em um público de jovens matriculados em escolas da rede de ensino estadual (escolas técnicas, educação integral ou semintegral e escolas de referência). Em cada município selecionamos duas escolas para participar da amostra. Além disso, serão realizadas também 03 entrevistas semiestruturadas com representantes estudantis (grêmio escolar ou similar) de cada escola selecionada. Os sujeitos são selecionados a partir de turmas disponibilizadas a participação com a autorização da direção da escola. Em cada região de desenvolvimento foi escolhido um município com o maior índice populacional e nele selecionadas as escolas que participam do estudo.

No que diz respeito à definição de jovem para composição da amostra utilizamos indicação etária apresentada pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013) que considera jovem o indivíduo com idade entre 15 a 29 anos de idade. Quanto aos questionários, estes são auto aplicados a um grupo de 150 alunos em cada município selecionado de modo a compor uma amostra total de 1.800 questionários, além de somadas 36 entrevistas semiestruturadas com representantes estudantis das escolas selecionadas.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Apresenta-se aqui, alguns resultados sobre a percepção ambiental dos jovens estudantes da cidade de Carpina. Os gráficos serão expostos na apresentação em forma de comunicação oral,



fizemos tal escolha para poder apresentar todos os resultados nessa apresentação em forma de texto, uma vez que o limite total de páginas são doze laudas.

Adentrando nos resultados encontrados, quando perguntados sobre os principais problemas de Pernambuco, os pesquisados elegeram os problemas atinentes a saúde como aquele mais emblemático, com uma porcentagem de (15,30%), seguido do desemprego (12,50%), da educação (12,10%), da violência (9,60%) e do saneamento (4,70%). Porém, a compreensão da indicação da saúde enquanto principal problema de Pernambuco requer uma investigação mais específica em relação ao município de Carpina. Todavia, o lugar ocupado pelo desemprego nesta indicação nos parece bastante coerente, do ponto de vista dos jovens, uma vez que eles são atingidos por formas precárias de trabalho (subemprego, terceirização, subcontratação, etc). Além disso, os jovens com baixa qualificação enfrentam desemprego ainda maior do que aqueles com mais anos de estudo (FILHO, 2012)

Outros dados relevantes foram coletados a partir do seguinte questionamento feito aos pesquisados: Na sua opinião, quais foram os principais problemas que o desenvolvimento produziu? Foram listados os seguintes problemas: Drogas e violência (18,10%), Poluição (15,60%), Aumento da pobreza (13,00%), prostituição (10,20%), Congestionamentos 9,90%). Ou seja, dos 5 principais problemas assinalados pelos pesquisados, apenas a poluição se encaixa como um problema de ordem ambiental. Todos ou outros se aproximam de problemas de ordem social e política.

Com relação às instituições sociais que exercem o importante papel de formação e educação ambiental, os pesquisados elegeram os principais meios de comunicação, instituições, ou grupos sociais nos quais eles recorrem para se informar sobre os problemas socioambientais. Em primeiro lugar ficaram os meios de comunicação de massa (Tv, jornais, Internet e rádio) com uma porcentagem de 30,70%. Em segundo, a escola aparece como instituição que mais informa os jovens estudantes sobre os problemas socioambientais, com uma porcentagem de 25,70%. Aparecem logo após os amigos (17,70%), a família (13,70%) e por fim a Igreja (3,60%).

O resultado da pesquisa quanto a este aspecto vem confirmar a importância que os meios de comunicação assumem como popularizadores dos problemas ambientais (HANNIGAN, 2009) e do papel assumido pela escola no que diz respeito à sistematização e transmissão de informações. A indicação da escola como fonte de informação, por outro lado, revela que o processo de expansão da educação ambiental, acelerado no período de 2001 a 2004 (LOUREIRO, 2007), assume





relevância neste debate, pois determinadas temáticas tornam-se corriqueiras no cotidiano das pessoas graças a sua inserção no ambiente escolar.

Chamamos atenção aqui para o lugar assumido pela família no processo de formação dos jovens em relação aos problemas socioambientais. Uma vez que a mesma se encontra atrás dos meios de comunicação, da escola e dos amigos no trato das questões relativas ao meio ambiente, demonstrando ausência de uma preocupação dentro dos lares, e da formação domésticas dos jovens, a respeito deste tema.

Com relação ao processo de educação ambiental adotado pelo plano curricular das escolas, perguntamos aos pesquisados quais os problemas socioambientais que geralmente a escola discute. Um dado interessante é o fato de 82,80% dos estudantes afirmarem por meio de uma das opções de resposta não saber informar tais problemas. Um número bastante elevado. Dentro os cinco principais problemas listados estão a poluição com apenas (3,60%), o lixo (3,40%), desmatamento (2,90%), aquecimento global (1,10%), e a degradação do solo e as mudanças climáticas, ambas com a porcentagem de (0,70%). Analisando os itens que mais se destacaram nas respostas (poluição, lixo e desmatamento) acreditamos que estes tenham uma relação muito direta com a realidade local, principalmente, porque a região e município de Carpina são marcados pela presença da monocultura da cana-de-açúcar.

Visando aprofundar este dado foi perguntado aos alunos sobre quais as disciplinas que mais discutiam os problemas socioambientais de Carpina, a Geografia aparece como sendo a que mais tem focado esta temática com (10,30%), seguida pela Biologia (7,80%) e pela Sociologia (5,00%). Contudo, o destaque continua para o alto índice de pesquisados que não responderam a este item do questionário chegando a porcentagem de (69,30%).

Historicamente a Biologia tem sido uma disciplina que, por discutir na educação básica ecologia, fauna e flora tem tido certo destaque nas abordagens de conteúdos associados a educação ambiental. Entretanto, nas experiências centradas apenas no enfoque do estudo ecológico um “esvaziamento dos conteúdos e reflexões sociais da realidade, constituindo-se em uma pedagogia a-histórica e apontando para uma prática pedagógica prescritiva e reprodutivista” (SILVA, 2011:70).

Nesse sentido, as respostas escolhidas pelos pesquisados apontam para uma maior difusão sobre o debate ambiental, passando a ser distribuído entre disciplinas da área de humanas com





destaque para a Geografia e a Sociologia (mas também Cidadania, Filosofia e Direitos Humanos e Urbanos), mesmo que a Biologia continue ocupando um espaço consideravelmente importante.

Para além da realidade local, no caso do presente estudo, o município de Carpina. Também colhemos informações dos pesquisados a respeito do estado de Pernambuco, quando perguntados quais os problemas socioambientais produzido pelo desenvolvimento do estado, os pesquisados elegeram as seguintes opções: O lixo aparece como opção mais assinalada com (16,88%), em segundo lugar a poluição dos rios e mares (15,85%), seguida da poluição do ar (13,01%), desmatamento (10,05%), e por fim a poluição sonora com 8,63%).

Quando questionados sobre os principais problemas socioambientais da Mata Norte, mais uma vez chama a atenção a quantidade de alunos que afirmaram não conhecer os principais problemas da região geográfica em que sua cidade está situada, exatos (35,84%) dos participantes da pesquisa afirmaram não ter ciência de tais problemas. No entanto, das respostas que foram assinaladas pelos jovens estudantes, o lixo mais uma vez aparece como o principal problema socioambiental da região da Mata Norte Pernambucana, com uma porcentagem de (21,22%). Como segunda opção mais assinalada aparece o desmatamento com (13,20%), a poluição (7,07%), a poluição do ar (2,83%) e a extinção dos animais (2,35%). Ou seja, as respostas que foram apresentadas ratificam a questão do lixo, do desmatamento e da poluição também para a região, ao mesmo tempo em que coincide como sendo um dos temas discutidos pela escola.

Por fim, finalizamos o questionário com a seguinte indagação aos estudantes: Na sua opinião, qual o principal problema socioambiental que deve ser priorizado pelos governos e pela sociedade para ser enfrentado no século XXI?.

Mais uma vez, chama a atenção o número elevado de jovens que não responderam essa pergunta (36,05%). No entanto, seguindo o padrão de respostas que veio a aparecer com as perguntas anteriores, o lixo com (25,17%) dos votos, aparece como o principal problema socioambiental que deve se priorizado pelos governo nesses século XXI. Em segundo lugar a poluição com (12,24%), em terceiro o desmatamento (6,80%), a poluição dos rios (4,08%) e por fim a quinta opção mais assinalada foi o saneamento com (3,40%).

Com foi observado no parágrafo anterior, o lixo se coloca como o problema socioambiental que mais foi citado pelos pesquisados durante o questionário. Tal fato, alerta para uma dado



revelante: a percepção ambiental dos jovens apontando o lixo como principal problema recorta os vários níveis geográficos (estado, região e município). De outro modo, não é difícil associar a produção de lixo do processo de desenvolvimento considerando que no modelo proposto o aumento da renda e os apelos mercadológicos promovem formas de consumos que se traduz em um círculo “virtuoso”, ou melhor, desastroso para o meio ambiente.

Ao que parece, problemas como lixo traduzem questões que pertencem à ordem próxima, ao passo que aqueles como: o aquecimento global, integridade da camada de ozônio, chuvas ácidas ou mesmo a destruição das matas atlântica e amazônica, são relativas a uma ordem distante e abstrata (RODRIGUES, 1998).

#### **4. CONCLUSÕES**

A pesquisa apesar dos seus percalços tem possibilitado elementos para que a questão de investigação possa ser respondida. Neste sentido, embora o presente relatório apenas faça referência a uma única região de desenvolvimento – Mata Norte, seus dados nos permitem realizar algumas análises que favorecem a construção de hipóteses que poderão ser testadas ao longo da pesquisa quando as demais regiões forem visitadas.

Ao longo da exposição foi possível observar que respostas que atendem as questões mais genéricas, inicialmente, já apontam para problemas socioambientais que o desenvolvimento de Pernambuco vem vivenciado. Ao mesmo tempo foi possível verificar, também, que a respostas dos jovens tem um sentido muito próximo dos resultados de outras pesquisas principalmente quando atreladas a problemas sociais que os afetam diretamente (criminalidade, desemprego, violência e drogas).

Destes mesmos resultados fica um alerta mais geral quanto ao lugar quaternário que a família tem ocupado no debate referente aos problemas socioambientais e, portanto na formação de uma consciência ambiental destes jovens. Outro elemento que merece destaque nesta investigação é que há uma consciência dos problemas e uma disposição bastante individual para resolvê-la, implicando, por outro numa concepção de resolução comportamental em que para proteger o meio ambiente bastaria apenas que eu mudasse meus hábitos, descolando este movimento de aspectos mais estruturais da crise socioambiental em que vivemos.





Acreditamos, contudo, que a reversão deste quadro seja possível com maior investimento em educação ambiental nas escolas e nos espaços familiares de modo a permitir uma maior ambientalização da percepção e ação destes jovens.

## **5. REFERÊNCIAS**

AKATU, Instituto. **Estilos sustentáveis de vida: resultados de uma pesquisa com jovens brasileiros**. São Paulo: Instituto Akatu, 2009.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**: Lei Federal nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013, Brasília.

CP2 Pesquisas. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**. Abril, 2012. Disponível em: <http://terraGaia.wordpress.com/2012/06/08/o-que-o-brasileiro-pensa-do-meioambiente-e-do-consumo-sustentavel/>. Acesso em: 18 de junho. 2016.

CRESPO, S. (Coord.). **O que os brasileiros pensam sobre o meio, desenvolvimento e sustentabilidade?** Rio de Janeiro: ISER/VOX POPULI, 2006.

DULLEY, Richard Domingues. **Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais**. Agric. São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, jul/ dez. 2004.

FILHO, Fernando de Holanda Barbosa. **O jovem no mercado de trabalho**. In: BARBOSA, Livia. *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HANNIGAN, John. **A construção social das questões e problemas ambientais**. In: HANNIGAN, John. *Sociologia ambiental*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LENOBLE, R. **História das ideias de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. e COSSÍO, Mauricio F. Blanco. **Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”** In: *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Ministério da Educação, Coordenação Geral de



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

MTV, **Dossiê Universo Jovem** 4. 2008. Disponível em:

<http://www.njovem.com.br/pesquisas/dossie-universo-jovem-mtv-4/>

PÓLIS, Instituto; IBASE, Betinho. **Pesquisa Sobre Juventudes no Brasil**. Relatório Nacional, 2008

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. Ed. Cortez, Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, M. Aparecida Soares; FERREIRA, M. Da luz Alves. **Participação juvenil em grupos de arte e cultura e contemporaneidade**. Disponível em: Anais do IV JUBRA

SILVA, T. A. A. ; SILVA FILHO, S. O. S. ; VIANA, E. S. ; CARVALHO, M. C. M. **Meio ambiente e juventude: um estudo a partir da realidade de estudantes de ensino técnico de Pernambuco**. In: Giovanni Seabra. (Org.). Anais do Congresso Nacional de Educação Ambiental e do Encontro Nordestino de Biogeografia: Educação e cooperação pela água para a conservação da biodiversidade. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

SILVA, Tarcísio A. A. da. **A educação ambiental no Alto Sertão alagoano: problemáticas e a formulação de uma agenda de pesquisa**. In: SOUZA, Felipe de Paula e SILVA, Tarcísio A. A. da (Org.) Educação superior e produção de conhecimento: convergências entre ensino, pesquisa e extensão. Maceió: EDUFAL, 2011.





**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222  
contato@conedu.com.br  
[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)